

LINGUAGEM, IDENTIDADE E PRECONCEITO: O PAPEL DA LINGUAGEM REGIONAL NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RURAL E SEUS EFEITOS NO ENSINO

Andréa Queila de Barros e Silva¹
Diógenes José Gusmão Coutinho²

RESUMO: O preconceito linguístico na zona rural é um fenômeno complexo que atinge tanto a identidade dos indivíduos quanto suas oportunidades educacionais. Este artigo tem como objetivo averiguar o papel da linguagem regional na construção da identidade rural, bem como os efeitos do preconceito linguístico no processo de ensino-aprendizagem nos alunos da zona rural. A metodologia adotada para este estudo foi de formas qualitativa e bibliográfica. A amostra foi composta por alguns alunos que integram a Escola de Referência em Ensino Médio Dr. Jaime Monteiro, Gameleira-PE. A coleta de dados foi realizada por meio de sondagens antes e depois das intervenções, entrevistas com alguns alunos, questionários de percepção sobre os danos causados pelo preconceito linguístico, além de observações diretas em sala de aula. Os resultados foram obtidos através de momentos de reflexão e de conscientização nas aulas de Estudo Orientado e dos Itinerários Formativos, resgatando a autoestima e ampliando os horizontes em relação à identidade de suas raízes familiares. A pesquisa analisa como as variantes locais, muitas vezes estigmatizadas, influenciam a autoestima e o pertencimento dos estudantes rurais, além de explorar como o preconceito linguístico presente nas escolas podem impactar o desempenho acadêmico e a formação da identidade desses indivíduos. A investigação também aborda a importância de estratégias educacionais inclusivas que promovam a valorização das línguas e dialetos regionais; demonstrando que é um processo contínuo e requer estímulo para essa transformação. Percebe-se que há sempre uma explicação nos mecanismos da língua, as variações linguísticas retratam a história de cada indivíduo, e na maioria das vezes, são vistas com preconceito e desprestígio; no entanto há enriquecimento ao conhecer a história de uma língua para desvendar o porquê de cada falante manuseá-la de formas divergentes.

2030

Palavras-chave: Fenômeno Linguístico. História. Desprestígio. Inclusão. Variação Linguística. Prática Docente.

¹Professora Pós-Graduada em Língua Portuguesa pela FAMASUL.

²Doutor em Biologia pela UFPE, Orientador de dissertação e tese da Christian Business School. <https://orcid.org/0000-0002-9230-3409>.

ABSTRACT: Linguistic Prejudice in rural areas is a complex phenomenon that affects both the identity of individuals and their educational opportunities. This article aims to investigate the role of regional language in the construction of rural identity, as well as the effects of linguistic prejudice on the teaching-learning process in students from rural areas. The methodology adopted for this study was qualitative and bibliographical. The sample was composed of some students who are part of the Dr. Jaime Monteiro High School of Reference, Gameleira-PE. Data collection was carried out through surveys before and after the interventions, interviews with some students, questionnaires on the perception of the damage caused by linguistic prejudice, as well as direct observations in the classroom. The results were obtained through moments of reflection and awareness in the Guided Study classes and Training Itineraries, restoring self-esteem and expanding horizons in relation to the identity of their family roots. The research analyzes how local variants, often stigmatized, influence the self-esteem and belonging of rural students, in addition to exploring how the linguistic prejudice present in schools can impact the academic performance and the formation of the identity of these individuals. The research also addresses the importance of inclusive educational strategies that promote the appreciation of regional languages and dialects; demonstrating that it is a continuous process and requires stimulation for this transformation. It is perceived that there is always an explanation in the mechanisms of language, linguistic variations portray the history of each individual, and most of the time, they are seen with prejudice and discredit; however, there is enrichment in knowing the history of a language to unveil why each speaker handles it in divergent ways.

2031

Keywords: Linguistic Phenomenon. History. Discredit. Inclusion. Linguistic Variation. Teaching Practice.

I. INTRODUÇÃO

Este estudo investiga como as línguas regionais, ao serem marginalizadas, influenciam a construção da identidade dos indivíduos rurais e como isso afeta o contexto educacional. A presente pesquisa foi fundamentada mediante algumas obras dos autores Margos Bagno, Carlos Alberto Faraco e Ana Maria Stahl Zilles.

É notório que a linguagem é um subsídio central na formação da identidade de qualquer grupo social, e nas zonas rurais, as variantes linguísticas desempenham um papel crucial na definição do pertencimento àquela comunidade. No entanto, o preconceito linguístico, frequentemente associado ao uso de dialetos ou formas não padronizadas da língua, pode resultar em estigmatização afetando a percepção que os falantes têm de si mesmos e suas interações com a sociedade em geral.

A vinculação entre linguagem, identidade e preconceito é um assunto central que repercute na diversidade cultural e social, mais especificamente no contexto educacional. A

linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um mecanismo de expressão cultural e social, adaptando e sendo adaptada pelas vivências, valores e práticas de uma sociedade. Embora, as variações linguísticas que são particulares de contextos rurais muitas vezes são estigmatizadas, conduzindo ao preconceito linguístico, que se traduz em marginalização e exclusão de falantes que não se adequam aos padrões cultos, urbanos e acadêmicos.

Este artigo tem por finalidade explorar a intrincada relação entre linguagem e a construção da identidade rural, investigando como isso afeta o contexto educacional. Ao discutir esses fenômenos, procura-se entender como o preconceito linguístico atinge o desempenho e a autoestima de alunos rurais e, de forma mais ampla, como a educação pode ser um ambiente de superação desses obstáculos, possibilitando uma abordagem mais inclusiva e respeitosa das diversas manifestações linguísticas no Brasil.

A pesquisa foi realizada visando contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas educacionais que reconheçam e valorizem as diversas formas de expressão linguística, auxiliando a combater o preconceito e a discriminação, viabilizando uma educação mais equitativa para todas as esferas da sociedade. Sendo assim, ao abordar esse aspecto, a pesquisa sugere soluções para amenizar os efeitos negativos do preconceito linguístico no ensino, concebendo um espaço educacional mais inclusivo e igualitário.

2032

Marcos Bagno (2009) enfatiza que as pessoas devem ficar à vontade quanto a adesão das formas tradicionais, prescritas pelas normas conservadoras, porém ele apela para que as outras formas de uso da língua também sejam vistas como boas, justas e corretas.

A necessidade de conhecimento da norma culta é indiscutível, porque o aluno vai se deparar e vai ser cobrado para colocá-la em prática na vida diária em situações mais formais, como por exemplo, nas avaliações educacionais internas e externas. Por isso, se faz necessário aceitar as múltiplas formas de expressão, a qual é a logo da identidade do indivíduo, sem camuflar o ensino da linguagem formal. A língua não pode servir para a exclusão social, o aluno precisa estar ciente da funcionalidade do idioma e adequar as inúmeras situações pertinentes de uso.

Marcos Bagno (1999) salienta que conhecer a história da língua e sua tradicionalidade, bem como a riqueza da expansão vocabular, as modalidades oral e falada, é muito relevante para os falantes e deve ser preservado. O que é inadmissível é alguém se apropriar dessa gama de conhecimento para provocar uma exclusão social, fazendo indagações repressivas.

Bagno (1999) defende ainda que “A língua varia tanto quanto a sociedade varia”. No Brasil, a língua portuguesa possui um ápice de diversidade e variabilidade, devido principalmente à injustiça social, fato que leva a um caos linguístico confrontando os falantes da norma privilegiada com os falantes das variedades não-padrão.

Da mesma forma que há preconceito contra a fala de certas classes sociais, o mesmo ocorre contra a fala de determinadas regiões. Conforme Bagno (1999), não há nenhuma variedade nacional, regional ou social que seja intrinsecamente “melhor”, “mais pura”, “mais bonita”, “mais correta” que outra. Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade dos indivíduos que a empregam. Logo, toda variedade linguística é também o resultado de um processo histórico próprio, com suas etapas de transformações.

Faraco (2008) afirma que:

[...] qualquer língua é sempre heterogênea, ou seja, constituída por um conjunto de variedades (por um conjunto de normas). Não há, como muitas vezes imagina o senso comum, a língua, de um lado, e, de outro, as variedades. Ou seja, estas não são deturpações corrupções, degradações da língua, mas são a própria língua: é o conjunto de variedades (de normas) que constitui a língua. (FARACO, 2008, p. 71-72).

O objetivo desta pesquisa é ampliar as possibilidades de ofertar aos estudantes uma compreensão da norma culta e esclarecer que admite-se diversas formas alternativas de comunicação, todavia o falante deve adequar-se ao contexto em que o permeia. Vale salientar que estamos lutando contra a cultura dominante, precisamos criar uma nova cultura, sem discriminação e preconceitos linguísticos, porém dotada de conhecimento e discernimento para uma inclusão de fato.

Espera-se que os resultados auxiliem para a reflexão sobre a relevância da valorização das linguagens regionais nos contextos educacional e social, ajudando a combater o preconceito linguístico e promovendo a inclusão e o respeito à diversidade.

2. METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa e bibliográfica, fundamentada em alguns autores que abordam o tema, com a finalidade de analisar os impactos do preconceito linguístico no âmbito rural e seus efeitos no ensino. Dessa forma, a pesquisa tem como fundamento as reflexões das obras de alguns autores que se empenharam a compreender esse fenômeno. A amostra foi composta por alguns alunos da zona rural que integram o Ensino Médio da Escola de Referência em Ensino Médio Dr. Jaime Monteiro – Gameleira-PE. Durante as aulas de

Estudo Orientado e de Itinerários Formativos observou-se a necessidade de conscientizar os alunos sobre as adequações do uso da norma culta e das inúmeras alternativas que hoje em dia permeiam a Língua Portuguesa. Este repasse foi promovido utilizando slides em PowerPoint, atividades interativas e várias ferramentas usadas pelas metodologias ativas. A pesquisa foi desenvolvida com os referidos alunos, mediante a obtenção do consentimento por escrito dos pais no ato da matrícula, o qual permite a publicação de fotografias e vídeos que possam identificá-los. A metodologia será aplicada nas seguintes etapas: 2.1) entrevistas semi-estruturadas - com a professora autora da pesquisa e alunos visando compreender como a linguagem regional influencia a identidade e as interações sociais e educacionais, 2.2) grupos focais - com os referidos alunos da área rural para discutir suas percepções sobre a linguagem regional, identidade e preconceito no contexto educacional, 2.3) levantamento, análise e interpretação dos dados coletados - por meio de observação, rodas de conversas, participação de gravação de entrevistas e fotografias.

2.1 Entrevistas Semi-estruturadas

A primeira etapa envolve a participação dos alunos nas entrevistas semi-estruturadas, buscando inteirá-los ao tema e ouvir suas frustrações e vivências relacionadas ao preconceito linguístico e como tudo isso afeta a aprendizagem.

2034

2.2 Grupos Focais

A segunda etapa busca analisar com os alunos a linguagem regional, identidade e preconceito nas esferas sociais. Os grupos focais ajudam a capturar as complexidades das relações sociais e educacionais que envolvem os aspectos linguísticos.

2.3 Levantamento, Análise e Interpretação dos Dados Coletados

A análise dos dados será realizada com base em uma abordagem qualitativa, para identificar padrões e categorias que emergem das observações. O levantamento de dados, última etapa da metodologia, será realizado em duas vertentes:

Observação Direta: A pesquisa será conduzida em escola estadual que possui um número significativo de alunos da área rural. A observação será focada na escrita e na oralidade na participação das atividades e a interação com os conteúdos.

Entrevistas e fotografias: Entrevistas e fotografias serão evidenciadas com os alunos para obter uma visão mais profunda sobre a percepção dos envolvidos quanto ao preconceito linguístico e a preservação da identidade regional.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Linguagem e Identidade na Zona Rural

A linguagem perpassa a definição de ser um mero instrumento de comunicação. Ela é um símbolo identitário que distingue grupos sociais. Na zona rural, as variações linguísticas inerentes ao meio, como o uso de dialetos regionais, exalam uma identidade única que é frequentemente desprestigiada ou estigmatizada pelo padrão linguístico urbano e oficial. O elo entre língua e identidade será evidenciado mediante entrevistas com estudantes de áreas rurais, bem como análise de estudos sociolinguísticos que evidenciam como o uso de variantes regionais atinge a autoestima e o sentimento de pertencimento dos indivíduos a um determinado meio.

Conforme Marcos Bagno (2014), a linguagem é um dos aspectos essenciais para a vida social. Partindo desse pressuposto, ela está interligada à forma como os indivíduos mantêm seus vínculos comunitários. Os grupos sociais demonstram a peculiaridade comportamental de seus membros, inclusive indivíduos que pertencem a uma comunidade desprestigiada apresentam características diferenciadas dos integrantes de classes favorecidas.

2035

Pressupõe-se então, que uma mesma pessoa em contextos diferenciados se apropria da linguagem distintamente. Dessa forma, cada ambiente social vai requerer uma moldagem da linguagem. A população rural precisa ser cada vez mais conscientizada sobre esse fato, não é questão de esquecer a identidade cultural, mas sim de adequá-la às situações de uso.

“Quando estamos usando a linguagem para nos comunicar, também estamos construindo e reforçando os papéis sociais próprios de cada domínio” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 23). Partindo dessa linha de pensamento, percebe-se que existe a interação entre linguagem e sociedade, incapaz de serem dissociadas, mas que promovem a interação e relaciona-se com a questão identitária, ou seja, engloba localização e comunidade que o indivíduo faz parte.

A forma como a linguagem é apropriada pelo falante revela a sua identidade: Acrescente-se que é no momento em que o aluno começa a reconhecer sua variedade linguística como uma variedade entre outras que ele ganha consciência de sua identidade linguística e se dispõe à observação das variedades que não domina (DIONÍSIO, 2005, p. 88).

Diante desse fato, o estudante amplia sua visão de que sua variedade linguística é sua particularidade, a qual revela sua comunidade e que outras variedades linguísticas são marcas de outras comunidades divergentes da dele. Sendo assim, possibilita-se a interação entre linguagens e isso faz parte do processo de identidade cultural.

Marcos Bagno (2014) afirma que a linguística respeita qualquer variação linguística, não importando a localização ou comunidade social que a manuseie.

Habitantes da área urbana provavelmente tem ou teve antepassados que conviveram no meio rural: “Muitos de nós, brasileiros residentes em áreas urbanas, temos antepassados de origem rural” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 53). Palavras e expressões que atualmente são julgadas erros de português já foram consideradas corretas em algum momento da história da Língua Portuguesa. Os palavras utilizadas na área rural podem sim penetrar no espaço urbano, uma vez que muitas dessas comunidades migram para a zona urbana quando surgem possibilidades para suprir suas necessidades.

Ainda Bortoni-Ricardo (2005) ressalta que :

Com relação aos vernáculos rurais, por outro lado, observa-se um maior distanciamento da norma portuguesa, pois nessas modalidades foi, possivelmente, mais acentuada a influência do adstrato indígena e do *pidgin* falado pelos negros entre si e nos seus contatos com a população branca e mestiça. O papel deste *pidgin* no panorama linguístico do Brasil Colônia está a merecer estudos mais profundos. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 32).

2036

Compreende-se então, que as influências ancestrais da Língua Portuguesa, cooperaram para o surgimento dessas múltiplas variedades, principalmente no espaço rural.

Sendo assim, fica claro e evidente que as possibilidades das variantes linguísticas devem ser consideradas e respeitadas, o que enfraquecerá a disseminação das práticas discriminatórias e preconceituosas no campo linguístico.

3.2 Preconceito Linguístico e suas Implicações no Ensino

O preconceito linguístico, exteriorizado no reconhecimento das formas “padrão” da língua em detrimento das variantes regionais, tem consequências diretas no ambiente escolar. Estudantes de zonas rurais frequentemente se deparam com dificuldades devido à diferença entre sua fala e a linguagem esperada nas salas de aula: O ensino tradicional que privilegia o português normativo, pode criar bloqueios para o desenvolvimento acadêmico e desencadear

sentimentos de inferioridade nos alunos. Ademais, se os professores não forem acolhedores, isso pode afetar a motivação e o desempenho escolar.

Partindo desse pressuposto, Bortoni-Ricardo (2005) esclarece que:

No caso brasileiro, o ensino da língua culta à grande parcela da população que tem como língua materna - do lar e da vizinhança - variedades populares da língua tem pelo menos duas consequências desastrosas: não são respeitados os antecedentes culturais e linguísticos do educando, o que contribui para desenvolver um sentimento de insegurança, nem lhe é ensinada de forma eficiente a língua padrão. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

Analisando essa linha de pensamento, percebe-se o quanto essa postura profissional desrespeitosa e negacionista quanto à valorização da bagagem histórica cultural do estudante, só irá fomentar o preconceito linguístico e contribuirá para desnivelar o desempenho educacional.

Marcos Bagno (2014) salienta que os linguistas são conscientes da relevância da norma culta para o ensino da Língua Portuguesa e dessa forma, constataam que a assimilação ou não desse conhecimento, reflete no desenvolvimento sociocultural do ser humano.

As classes dominantes buscam camuflar que o falar daqueles sem instrução formal e com baixo nível de escolarização é inadequado, e rotulam como errado. Esse preconceito linguístico é apenas um disfarce para impulsionar o preconceito social, pois o alvo não é a maneira de falar que sofre preconceito, mas a identidade social e individual do falante.

2037

3.3 Normas Linguísticas e o Preconceito contra Variantes Linguísticas

O preconceito linguístico defende a concepção de que uma variante da Língua Portuguesa pode ser considerada a mesma variante adotada pela minoria dominante. Diante disso, Bagno (1999) argumenta que qualquer que seja a diversidade da língua, esta não deve ser desprestigiada ou estigmatizada. É preciso ter consciência dos objetivos da língua materna para combater ou minimizar os impactos discriminatórios e preconceituosos linguísticos.

De acordo com Ramos (2011) é necessário combater a ideia de que muitos obstinam em defender que o português falado no Brasil, trata-se de uma língua uniforme. Esse aspecto de uniformidade é alegado por indivíduos de diversas formações, principalmente os gramáticos tradicionalistas.

Partindo dessa linha de pensamento, este fato fomenta uma visão tradicionalista de que o único dialeto existente no Brasil é o que obedece às regras da gramática tradicional, evidenciando falta de sensibilidade diante da riqueza cultural e linguística, contrastando ao fato

de que os falantes se adaptam espontaneamente a diferentes contextos de fala. Lamentavelmente, muitos intelectuais mantêm essa hipótese de uniformidade, Ribeiro pontua:

É de assinalar que, apesar de feitos pela fusão de matrizes tão diferenciadas, os brasileiros são, hoje, um dos povos mais homogêneos linguisticamente e culturalmente e também um dos mais integrados socialmente da Terra, falam uma mesma língua, sem dialetos. (RIBEIRO, 2011, p. 9).

Em desconformidade a esta citação, Saussure (2012) defende que toda língua é mutável em qualquer fase da história, está irreparavelmente propenso à variação, quer seja aceita ou não e lamentavelmente, a ideia que o português brasileiro é uma língua uniforme subsiste, camuflando assim, outras formas de variação.

As várias normas sociais e regionais são o reflexo da relação que preserva a linguagem com o indivíduo e sua comunidade de fala. Essa perspectiva mostra que todas as línguas são heterogêneas e múltiplas, porque a língua está intrinsecamente associada à diversidade, seja das experiências históricas, seja das atividades sociais e culturais dos grupos humanos que se reconhecem como seus usuários. Conforme pontuam Faraco e Zilles (2017, p. 36), os falantes também são altamente diversificados do ponto de vista linguístico, “dominam não apenas uma, mas muitas das variedades sociais da língua em razão de estar envolvidos em muitas comunidades de prática que albergam múltiplas redes de interação social”, daí serem chamados de camaleão linguístico.

2038

Seguindo esse raciocínio, a língua, todavia, é um produto heterogêneo, múltiplo, variável e instável, fruto de um trabalho coletivo e social (BAGNO, 2007, p.36). Dessa forma, imaginar a Língua Portuguesa como uma língua homogênea, é uma falácia disseminada pela escola, pela mídia e por determinados gramáticos.

Bagno (2014), em seu livro *A língua de Eulália*, enfatiza uma questão primordial que é o fundamento de preservar as leis impostas pela gramática normativa como modelo:

Ela representa no imaginário coletivo, a língua supostamente falada pelas camadas sociais de prestígio, que detêm o poder econômico e político no país. Essas classes privilegiadas veem na norma-padrão conservadora um elemento precioso de sua própria identidade, a maneira de falar marca uma diferença (e até uma rejeição) em relação à língua da plebe, da fome, à língua “vulgar”... (BAGNO, 2014, p.172).

Esse padrão linguístico apresenta-se como uma ferramenta para evidenciar as camadas sociais, ou seja, é um meio de proteger o preconceito. Conforme Bagno (1999, p.9), em seu livro *Preconceito Linguístico: o que é como se faz*: “A língua é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma culta”.

3.4 A Linguagem como Ferramenta de Exclusão Social

A linguagem está propenso a ser uma poderosa ferramenta de exclusão social quando manuseada de maneira a marginalizar, estigmatizar ou impossibilitar a inclusão de determinados grupos. Mediante o uso de gírias e jargões que excluem quem não está inserido em certos círculos sociais, ou ainda quando determinados modos de falar são considerados “inferiores” ou “errados”, produzindo uma hierarquia linguística.

Marcos Bagno (1999), salienta que muitos brasileiros não têm acesso à norma culta, são considerados os sem-língua:

[...] É claro que eles também falam português, uma variedade de português não-padrão, com sua gramática particular, que no entanto não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português-padrão ou mesmo daqueles que, não falando o português-padrão, o tomam como referência ideal - por isso não podemos chamá-los de sem-língua. (BAGNO, 1999, p. 16).

Ademais, a linguagem pode ser um reflexo de desigualdades estruturais, com ocorre quando certos grupos, constituídos por pessoas negras, indígenas ou de classes sociais mais baixas, têm suas particularidades nos modos de falar desvalorizados em relação à linguagem padrão. Esse fenômeno fomenta uma invisibilidade social e restringe o acesso dessas pessoas a direitos, oportunidades de trabalho e participação na vida pública.

2039

Em conformidade com Faraco (2015) e Zilles (2015), no livro “Pedagogia da Variação Linguística”, a língua permanece semeando a discriminação social, seja no espaço educacional, seja em outros contextos sociais, como no ingresso do mercado de trabalho e aos serviços públicos.

Seguindo essa linha de pensamento, Fiorin (2021) ressalta que:

Ridicularizar a variante usada por alguém é uma atitude muito agressiva, pois estamos zombando do próprio ser das pessoas. Existe um julgamento social sobre as variantes: algumas são consideradas elegantes e outras, feias. Do estrito ponto de vista linguístico, não existem formas feias ou bonitas, pois elas se equivalem. Escarnecer de alguém, por causa da variante linguística utilizada, é mostra de preconceito, de dificuldade de conviver com as diferenças. (FIORIN, 2021, p. 26).

O uso da linguagem em contexto de exclusão também se exterioriza em políticas linguísticas que decretam uma forma de falar ou escrever como “padrão”, desconsiderando as variantes regionais ou culturais, o que alavanca os estigmas. Portanto, a linguagem, quando mal empregada ou imposta de maneira rígida, pode fortalecer divisões e perpetuar a desigualdade social.

3.5. Valorização da diversidade linguística e cultural

A valorização da diversidade linguística e cultural é um pilar imprescindível para a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa. Ao identificar e abraçar as diferentes língua e culturas, impedimos a marginalização de grupos sociais, favorecendo o respeito mútuo e a conscientização dos indivíduos.

O reconhecimento das diferentes formas de comunicação e a riqueza cultural de uma sociedade é refletida através da diversidade linguística. Quando combatemos o preconceito linguístico, compreendemos que a forma como uma pessoa fala não deve ser razão para discriminação, pois as variantes da linguagem podem estar vinculadas à origem social, regional ou étnica e todas são dignas de respeito.

Lamentavelmente, por outra linha de pensamento, a postura e crença de muitos falantes ainda vigora em pura discriminação. Bagno (2009) pontua:

Em todas as sociedades, existe sempre um grupo de pessoas, uma classe social ou uma comunidade local específica, que acredita que o seu modo particular de falar a língua é o mais correto, o mais bonito, o mais elegante e, por isso, deve ser o modelo que as outras classes e comunidades precisam imitar. Em geral, são os moradores das regiões economicamente mais ricas, os habitantes de alto poder aquisitivo dos grandes centros urbanos, os cidadãos com acesso aos melhores meios de escolarização - enfim, aquilo que nas ciências sociais se chama de classes dominantes. (BAGNO, 2009, p. 20).

Por outro lado, a diversidade cultural está relacionada com o reconhecimento e a aceitação das múltiplas formas de viver, pensar, e se expressar. Ao valorizar a pluralidade de manifestações culturais, como religiões, vestimentas, festas e tradições, enriquecemos a convivência social e fomentamos o respeito às identidades de cada grupo.

Essa visão preconceituosa precisa ser quebrada, conforme Bagno (2009):

[...] Os brasileiros urbanos letrados não só discriminam o modo de falar de seus compatriotas analfabetos, semianalfabetos, pobres e excluídos, como também discriminam o seu próprio modo de falar, as suas próprias variedades linguísticas. (BAGNO, 2009, p. 21).

Em termos concretos, a valorização da diversidade linguística e cultural pode ser gerada por meio de políticas públicas educacionais que impulsionem o ensino da sociolinguística nos currículos escolares. Ademais, através dessa iniciativa, fortaleceremos a inclusão e o respeito às diferenças, promovendo um ambiente mais justo e plural.

FARACO e ZILLES (2015) enfatizam que:

Quando falamos em pedagogia da variação linguística, não estamos propondo uma pedagogia da língua materna composta de módulos autônomos, mas tão somente estimulando uma reflexão focada nas grandes questões que envolvem a variação linguística no ensino de português sem perder de vista uma perspectiva integradora das várias dimensões desse ensino. (FARACO e ZILLES, 2015, p. 9).

Atualmente podemos ver um grande avanço positivo da diversidade cultural, porém no que diz respeito a diversidade linguística, os entraves sempre se proliferam. Por isso é fundamental que se instaure de fato a construção da pedagogia da variação linguística capaz de conquistar os educadores para uma pedagogia sociologicamente sensível que ofereça aos estudantes a possibilidade de entender a heterogeneidade linguística da comunidade em que estão inseridos, ter acesso e domínio a expressão culta e o principal de todos os aspectos, superar criticamente os comportamentos preconceituosos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As transcrições das entrevistas com os alunos evidenciam o resultado da pesquisa abordando a linguagem, a preservação da identidade cultural e o combate ao preconceito linguístico, evidenciando suas possíveis problemáticas no ensino.

Mediante as evidências transcritas, o presente estudo foi bastante relevante, os estudantes participaram efetivamente, expuseram suas vivências/relatos, ampliaram o leque de conhecimento sobre as variedades linguísticas e a semente foi semeada para combater cada vez mais o plantio das ervas daninhas das práticas preconceituosas do campo linguístico, advindas da injustiça social que acarreta o nosso país.

2041

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo foi elaborado com o objetivo de elencar fatos relacionados ao ensino de língua portuguesa e a importância do respeito e valorização das variedades linguísticas que abrangem a ampla riqueza nacional brasileira. Além disso, abordou-se ainda o preconceito linguístico e os agravantes provenientes de sua prática, possibilitando assim o surgimento de entraves, refletindo conseqüentemente tanto no ensino eficaz da língua, quanto na perpetuação da discriminação às classes desprestigiadas que desconhecem a norma culta, difundida pelos tradicionalistas, traduzindo dessa forma como uma adesão à segregação social.

O papel da escola perante o cenário do preconceito linguístico é explicitado à medida em que não se pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores devem conscientizar os discentes sobre as duas ou mais maneiras de expressar a mesma coisa. E, mostrar-lhes ainda a repercussão diferenciada que isso provoca na sociedade. Algumas formas alternativas da língua podem conferir credibilidade ao falante, outras reduzir as oportunidades.

Os alunos devem ser respeitados e estes devem ver a valorização de quaisquer que sejam suas peculiaridades linguístico-culturais, porém precisam aprender a língua prestigiada, pois esta contribuirá para uma distribuição democrática de bens culturais, da qual a língua é o enfoque maior.

Portanto, é fundamental desenvolver o ensino do domínio das práticas socioculturais e das variantes linguísticas, compreender a heterogeneidade linguística, além de combater as formas preconceituosas e discriminatórias; tudo isso deve perpassar pelos docentes e alcançar posteriormente os discentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. *Preconceito linguístico. O que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. *Língua, linguagem e linguística: pondo os pontos nos ii*. São Paulo: Parábola, 2014.

_____. *A língua de Eulália. Novela Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

2042

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. *Nós chegemos na escola e agora?: sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola, 2005.

DIONÍSIO, Angela Paiva. *Variedades linguísticas: avanços e entraves*. In: _____. *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria. *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola, 2015.

_____. *Para conhecer norma linguística*. São Paulo: Contexto, 2017.

FIORIN, José Luiz. *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2021.

RAMOS, Heloisa. *Por uma vida melhor*. São Paulo: Global, 2011.

RIBEIRO, Adelia Miglievich. *Darcy Ribeiro e o enigma Brasil: um exercício de descolonização*. Soc. Estado., Brasília, v. 26, n. 2, Aug. 2011.

SUASSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.